

Panorama de Estudos Linguísticos sobre o Suporte: Proposições e Debates

An Overview of Linguistic Studies about the Support: Proposals and Discussions

Alex Caldas Simões¹
Maria Carmen Aires Gomes²

RESUMO: Teóricos do campo da linguagem (Cf. MARCUSCHI, 2003, 2008; BEZERRA, 2006, 2007; TÁVORA, 2008) tem indicado que, de alguma forma, o gênero é afetado pelo suporte e vice-versa. Diante dessa questão de pesquisa, nos propomos a resenhar alguns conceitos sobre o suporte em diferentes perspectivas linguísticas, a saber: (a) o estudo do suporte na perspectiva *textual*, conforme postula Marcuschi; (b) o estudo do suporte na perspectiva *sócio-retórica*, conforme postula Bonini e Távora; (c) o estudo do suporte na perspectiva da *Análise do Discurso*, como postula Maingueneau; e (d) o estudo do suporte na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, conforme propõe Simões (2010). Por fim, concluímos que a categoria teórica de suporte ainda carece de estudos linguísticos, em especial, os aplicados. Ao suporte, apesar das recentes teorizações realizadas, ainda não lhe foi dado um caráter de configuração, assim como se faz com os gêneros do discurso.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV/CAPES-REUNI).

² Pós-Doutora em Estudos da Linguagem e Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Professora Adjunta IV da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

PALAVRAS-CHAVE: Suporte; Teoria; Linguística; Proposições; Debates.

1 Introdução

Marcuschi (2003) foi um dos primeiros teóricos brasileiros a problematizar a importância do suporte no campo da linguagem. A partir de seu ensaio, inaugurou-se nas teorias linguísticas uma inquietação quanto ao papel do suporte na configuração dos gêneros textuais e, ou, discursivos: afinal, em que medida os gêneros são afetados pelo suporte e vice-versa?

Motivados por essa questão de pesquisa, apresentaremos em nossa exposição, a partir dos estudos de Bezerra (2006; 2007) e Távora (2008), uma sucinta revisão de literatura sobre o assunto. Dessa forma, nossa investigação abordará, nessa ordem: (a) o estudo do *suporte na perspectiva textual*, conforme postula Marcuschi (2003, 2008); (b) o estudo do *suporte na perspectiva sócio-retórica*, conforme postula Bonini (2003a, 2003b, *apud* BEZERRA, 2006) e Távora (2008); (c) o estudo do *suporte na perspectiva da Análise do Discurso*, como postula Maingueneau (2001); e (d) o estudo do *suporte na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional*, como propõe Simões (2010). Diante dos conceitos resenhados, apresentaremos, por fim, nossas considerações finais sobre o assunto, evidenciando aproximações teóricas, distanciamentos e implicações.

2 O Suporte na perspectiva textual

O conceito de suporte na perspectiva textual foi cunhado por Marcuschi (2003), em um ensaio denominado “A questão dos suportes de gêneros textuais”, no qual o autor problematiza

a questão do suporte de um gênero. Posteriormente, tal estudo foi republicado no livro “Produção textual, análise de gêneros e compreensão” (2008).

Dentre as ideias defendidas por Marcuschi (2001; 2008), temos que: (a) todo gênero se faz circular por meio de algum suporte; (b) o suporte é responsável pela circulação do gênero na sociedade; e (c) de alguma forma, o suporte exerce alguma influência no gênero suportado e vice-versa.

De acordo com os estudos de Marcuschi (2003; 2008), é o gênero que escolhe um suporte especial para sua materialização, e não o contrário. Entretanto, o autor (2001; 2008) indica que tal afirmação é contestável, pois há casos em que é o suporte que determina o gênero. Apesar dessa ressalva, parece-nos que a ênfase do autor (2003; 2008) está na indicação de que é o gênero que escolhe o suporte ideal para sua materialização.

Tendo em vista tais observações, Marcuschi (2008) define como suporte de um gênero “um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como um texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174)³.

A partir desse conceito, entendemos, assim como Távora (2008), que o suporte na perspectiva textual serve para *fixar ou mostrar* gêneros, não sendo sua função a veiculação, transporte ou circulação de textos. Marcuschi (2003; 2008) busca diferenciar essas funções, tendo em vista os conceitos de: (a) *canal*, como o telefone, que seria o “meio físico de

³ A partir desse conceito, o próprio Marcuschi (2003, 2008) indica que sua postulação se detém apenas na análise de suportes escritos, não se estendendo, portanto, à análise de gêneros orais.

transmissão de sinais” (MARCUSCHI, 2003, p. 6); e (b) *serviço*, como os correios, que seria “um aparato específico que permite a realização ou veiculação de um gênero em algum suporte” (MARCUSCHI, 2003, p. 6).

Para Távora (2008), os conceitos de *canal* e *serviço* cunhados por Marcuschi (2003) não são tão fáceis de distinguir, afinal, a partir da ótica do consumo, ambos os conceitos são serviços. Tal indicação de Távora (2008) nos faz compreender, então, que as teorizações de Marcuschi ainda precisam ser revistas, uma vez que elas nos trazem “uma gama de reflexões relativas a uma fundamentação epistemológica que não comunga de uma série de considerações sociais que envolvem o ato comunicativo” (TÁVORA, 2008, p. 62). Acreditamos que, por não se tratar de uma pesquisa empírica, as formulações teóricas sobre o suporte na perspectiva textual, muitas vezes, surgem como elementos movediços, em que ainda podem surgir inúmeras exceções.

Outra crítica aos estudos de Marcuschi (2003) realizada por Távora (2008) e por nós recuperada refere-se à análise do suporte por meio de elementos isolados, como gênero, material da escrita, suporte, embalagem e serviço. Para Távora (2008, p. 63), não parece adequado “decompor o suporte e observar os elementos que o compõem de forma isolada”. Realizar essa decomposição é desfazer uma associação sócio-técnica estabelecida (Cf. TÁVORA, 2008). Sendo assim, o referido autor acredita que o suporte deve ser analisado tendo em vista a sua existência material como um todo, e não em aspectos de materialidade vistos de maneira isolada e desconectada uma das outras, como foi apresentado nas postulações de Marcuschi (2003).

Em suas pesquisas, Marcuschi (2003; 2008) ainda classifica o suporte em: (a) *suportes convencionais*, aqueles que “foram elaborados tendo em vista uma função de suportarem ou fixarem

textos” (2008, p. 177); e (b) suportes *incidentais*, aqueles que “operam como suportes ocasionais ou eventuais” e que possuem “uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos” (2008, p. 177). A embalagem abaixo (Figura1), por exemplo, pode ser tomada como um suporte incidental.



Figura 1 – Suporte Incidental.

Isso é possível uma vez que ela não foi produzida para fins de ação e interação sociais entre produtores e leitores/consumidores. Aqui, parece não haver dúvidas de que a embalagem de chá materializada fisicamente pelo papel cartão em formato de caixa abriga ali no mínimo três possíveis gêneros: rótulo, receita e divulgação de informações científicas sobre o chá branco.

Já como suporte convencional, podemos citar o Outdoor (Figura 2):



Figura 2 – Outdoor como suporte convencional.

Como podemos constatar na Figura 2, o outdoor, enquanto suporte do gênero anúncio publicitário, foi idealizado tendo em vista uma ação e interação social específica entre produtores e leitores/consumidores.

Quanto a essa classificação entre convencional e incidental, acreditamos que essa se mostra relevante, uma vez que, pela primeira vez, é dado ao suporte um caráter de classificação, ainda que necessite de mais estudos e investigações.

Após essa breve indicação de alguns conceitos do suporte na perspectiva textual, passaremos, na seção seguinte, a observar o suporte na perspectiva discursiva da análise do discurso, tal como proposta por Dominique Maingueneau.

3 O Suporte na perspectiva discursiva da Análise do discurso

Conforme Távora (2008), o conceito de suporte na perspectiva discursiva da análise do discurso de origem francesa foi cunhado por Maingueneau (2001), a partir dos estudos de midialogia de Régis Debray (1993), que considera que “os suportes devem ser vistos como elementos que podem alterar os discursos em função de representarem sua força material” (TÁVORA, 2008, p. 37).

Tendo como ponto de partida os estudos de Debray (1993), Maingueneau (2001)⁴ acredita que o suporte representa a força material do discurso. O discurso, por sua vez, é inserido em um gênero que busca, dentro de um contexto específico, alcançar uma finalidade, sendo ou não bem sucedido. O gênero, portanto, passa a funcionar como uma entidade pragmática que busca o êxito ao se submeter às condições de:

uma finalidade definida; um estatuto de parceiros definidos, ou seja, em determinado gênero já se sabe de quem parte e a quem se dirige determinado gênero - [sic] identificação dos papéis

⁴ Mais especificamente nos capítulos “Tipos e gêneros do discurso” e “Mídium e discurso”, do livro “Análise de textos de comunicação (2001)”.

dos parceiros coenunciadores; *um lugar e momento legítimos* – determinados gêneros estão associados a determinados lugares e momentos que são constitutivos, como missas ou aulas, etc.; *um suporte material* e uma *organização textual* (TÁVORA, 2008, p. 38, grifos do autor).

Dessa forma, o gênero discursivo, para Maingueneau (2001), organiza-se em função de sua *finalidade, lugar e momento legítimos, suporte material e organização textual*. De nossa parte, cabe-nos observar que, ao suporte material, é dado um estatuto particular dentro das teorizações de linguagem de Maingueneau (2001), uma vez que autor afirma que “[u]ma modificação do suporte material de um texto modifica radicalmente um gênero de discurso: um debate político pela televisão é um gênero de discurso totalmente diferente de um debate em sala de aula para um público exclusivamente formado por ouvintes presentes” (MAINGUENEAU, 2001, p. 68).

O texto, ou gênero de discurso, portanto, é inseparável de seu modo de existência material (Cf. MAINGUENEAU, 2001). Por essa concepção teórica, percebemos que o suporte – o modo de transporte e de recepção do enunciado – submete o gênero a uma série de restrições materiais que acabam por condicioná-lo a um formato, organização textual, finalidade e lugar, o que acaba por modelar o gênero do discurso. A partir dessa constatação, podemos dizer, como também indica Maingueneau (2001), que o suporte não é acessório e não deve ser relegado ao segundo plano nas análises da linguagem.

Nesse sentido, Maingueneau (2001) busca observar o suporte além de sua materialidade. Nessa tarefa, o autor (2001) resgata o conceito de *mídiu*, de Debray⁵, e o aproxima do

⁵ *Mídiu* pode ser entendido por Debray (1993, *apud* TÁVORA, 2008) como matizes de sociabilidades que implicam em determinadas formas de interação. Dessa forma, podemos dizer que a *sala de aula* é um *mídiu* e não um suporte, uma vez que a *sala de aula* se torna um espaço de difusão de gêneros que “[...] se realizam de

conceito de suporte, tornando os dois conceitos equivalentes. Essa equivalência, segundo Távora (2008, p. 48), nem sempre é possível, pois “[...] nem todo mídiun é um suporte, ao passo que todo suporte é sempre um mídiun.” Devido a essa confusão terminológica e teórica, Távora (2008) considera que as postulações de Maingueneau não analisam o suporte, mas o mídiun. Ainda assim, o autor (2008) ressalta a importância dos estudos de Maingueneau para o estudo das inter-relações mídiun-suporte e gêneros, uma vez que o autor foi o primeiro a desbravar tal relação, ainda que hoje esses estudos requeiram maiores desdobramentos e avaliações.

Em suas pesquisas, Maingueneau (2001) evidencia a relevância teórica do suporte para as análises da linguagem, entretanto não apresenta uma maneira específica de operacionalizá-las. A aproximação teórica entre mídiun e suporte parece subjugar o estudo do suporte à sua condição interacional, em detrimento de sua configuração material e física.

Após essa breve indicação de alguns conceitos do suporte na perspectiva discursiva da análise do discurso, passaremos, na seção seguinte, a observar o suporte na perspectiva sócio-retórica.

4 O suporte na perspectiva sócio-retórica

O conceito de suporte na perspectiva sócio-retórica pode ser apreendido nas pesquisas de Bonini e, de certa forma, nas pesquisas de Távora (2008). Bonini estuda o jornal impresso e postula que o mesmo é um hiper-gênero – um gênero que abriga

acordo com um contexto imediato (interação entre coenunciadores) e com um contexto social mais amplo (papéis sociais, lugar de fala, valores culturais etc.)” (TÁVORA, 2008, p. 51).

outros gêneros. Sendo um hiper-gênero, o jornal apresenta: (a) *gêneros presos*, aqueles que “preenchem as seções de base do jornal, que possuem lugares fixos e estruturam o jornal como gênero” (TÁVORA, 2008, p. 84); (b) *gêneros livres*, aqueles que “podem ocorrer em qualquer seção temática do jornal e são responsáveis pelo funcionamento comunicativo do jornal” (TÁVORA, 2008, p. 84); e (c) *aparatos de edição*, que correspondem “ao mecanismo de instauração de gêneros jornalísticos” (BONINI, 2004, *apud* TÁVORA, 2008, p. 84).

Aqui, percebemos uma aproximação do conceito de suporte com o conceito de hiper-gênero. Sendo assim, o suporte, para Bonini (2004), agruparia três tipos de gêneros: os presos, os livres e os aparatos de edição. Concordando com Bezerra (2006), acreditamos que “a teorização do autor [Bonini] não fornece elementos inequívocos para uma noção de suporte distinta da noção de gênero” (BEZERRA, 2006, p. 21).

Esse comportamento teórico de Bonini deve-se à crítica do autor aos estudos de Marcuschi. Para Bonini (2005, *apud* TÁVORA, 2008), Marcuschi (2003) parece observar o suporte e o gênero de forma bastante independente, além de, em sua relação de convencionalidade ou incidentalidade, não apresentar aspectos relativos à fluidez da relação gênero-suporte (Cf. TÁVORA, 2008). Tal afirmação parece provocar, nas teorizações de Bonini, uma indissociação entre o gênero e o suporte, o que acarreta um estudo do gênero-suporte – daí hiper-gênero – e não um estudo do gênero e, posteriormente, um estudo do suporte. Com isso, os estudos de Bonini (2005) indicam que a função do suporte vai além das funções de fixar e mostrar o gênero (Cf. TÁVORA, 2008) – o autor parece indicar a relevância do suporte enquanto elemento de interação.

É nesse sentido que Távora (2008) propõe o seu conceito de suporte, que, a nosso ver, também se inclui na perspectiva sócio-retórica dos estudos do suporte. O autor (2008) propõe,

em sua tese de doutorado⁶, um conceito de suporte e uma maneira de operacionalizá-lo na análise de gêneros que leve em conta o suporte como entidade de interação, ou seja, aquela “que se realiza graças a uma materialidade formalmente organizada, que permite que se avaliem os processos de difusão aos quais os gêneros estão submetidos, sejam eles + orais ou + escritos” (TÁVORA, 2008, p. 12). Isso quer dizer, portanto, que, para o autor, o suporte é percebido em função de sua *matéria, forma e interação*.

A matéria pode ser entendida como “aquilo que tem existência física no mundo real” (TÁVORA, 2008, p. 28). Nesse caso, poderíamos analisar o telefone como fruto de uma determinada materialidade tecnológica (Cf. TÁVORA, 2008). Ainda podemos dizer, segundo o autor (2008), que a matéria é composta por uma materialidade de registro⁷ e uma materialidade de acesso⁸.

A forma refere-se, nas teorizações de Távora (2008), à configuração do suporte enquanto possibilidades técnicas de difusão e ações convencionais de formatação. Para o autor, “[f]orma tanto pode ser um livro, que é feito de papel (celulose), quanto a própria formatação assumida por cada página. A forma

⁶ “Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais”, defendida em 2008 pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁷ “Por materialidade de registro, compreendemos a superfície que se presta ao arquivamento de linguagem oral e/ou escrita, consequentemente de gêneros. O papel, como materialidade de registro, permite, em sua superfície, um procedimento em que se arquiva na mesma materialidade em que se dará o acesso à tecnologia de enunciação escrita. Pode-se dizer que, no âmbito da escrita impressa, apesar dos diferentes instrumentos tecnológicos que permitem procedimentos de impressão, o acesso, o registro e a atualização de linguagens e de gêneros que dão numa ‘mesma’ superfície material” (TÁVORA, 2008, p. 130).

⁸ “Por materialidade de acesso compreendemos o dispositivo que permite a atualização de linguagem oral, escrita ou visual, independente de estar conjugada ou não a uma entidade material de registro. Um CD é um exemplo de materialidade de arquivamento. Graças a uma materialidade de acesso, o CD *player*, a atualização de linguagem nele registrada se torna acessível” (TÁVORA, 2008, p. 130).

de uma materialidade nem sempre é uma configuração geométrica plana ou espacial onde se dá o registro da linguagem verbal” (TÁVORA, 2008, p. 30).

Távora (2008) parece enfatizar o suporte como elemento que elege os gêneros discursivos possíveis de se realizarem em determinado contexto – o que nos sugere, portanto, uma ênfase na relação suporte-gênero, e não o contrário. O autor, com isso, tende a se aproximar das postulações de Maingueneau, que considera o suporte como elemento condicionador da configuração de gêneros. Da mesma forma, o autor tende também a se inserir nas discussões das relações gênero-suporte de Bonini, ao considerar a interação um fator relevante nas análises da relação indissociável entre o gênero e o suporte.

Podemos destacar, ainda nas pesquisas de Távora (2008), mais uma implicação referente ao suporte. Távora (2003, 2005, *apud* TÁVORA, 2008) postula o conceito de *intertextualidade intersuportes*, que “consiste na inserção de um gênero em um outro suporte que, habitualmente, não é usado para portar esse gênero” (TÁVORA, 2008, p. 71). Podemos, de maneira geral, ilustrar o conceito de Távora (2003, 2005, *apud* 2008) por meio da Figura 3.

Percebemos a Figura 3 como sendo um cartão postal, cuja função é circular pelo Correio sem a presença de um envelope. Fazemos tal interpretação uma vez que o cartão postal é estruturado por um tamanho (pequeno retângulo de aproximadamente 10X15cm), estrutura (papel cartão supremo de aproximadamente 250g), divisão (colunas que separam o espaço destinado para a informação daquela do destinatário; colunas para o selo, CEP e endereço do destinatário) e imagem, no caso, uma fotografia localizada na parte da frente do cartão.

No entanto, ao lermos o cartão postal, principalmente o verso do cartão, nos deparamos com um anúncio publicitário da

seção classificados do jornal Correio Braziliense. Essa identificação do gênero anúncio se dá mediante o reconhecimento de alguns elementos característicos da estrutura típica da publicidade: marca (Classificados do Correio Braziliense), slogan (Classificados do Correio. O primeiro que vem à cabeça), logotipo, imagem (foto da seção classificados) e corpo textual (Para comprar, vender e alugar, não tem outro. Novo ou usado. Para anunciar, ligue: 3342-1000 ou vá a uma de nossas lojas).

*Fui jogar pelada com a galera. Ai, sabe como é:
veio a cervejinha depois e acabei me esquecendo
do aniversário da Cissa. Tinha que pensar
em algo rápido.*

LINDAS CESTAS DE PRESENTE
18 itens, incluindo frutas, bebidas, flores, bichinho de pelúcia e chocolate importado. Inesquecível.

*O problema é
que eu só fui lembrar hoje, ou seja,
cinco dias depois.*

Para comprar, vender e alugar,
não tem outro. Novo ou usado.
CLASSIFICADOS DO CORREIO.
O primeiro que vem à cabeça.

Para anunciar, ligue: 3342-1000
ou vá a uma de nossas lojas.

CLASSIFICADOS
CORREIO BRAZILIENSE

Figura 3 – Intertextualidade intersuportes.

A partir da Figura 3, constatamos que o gênero anúncio publicitário está presente em um suporte (cartão postal) que habitualmente não é utilizado para portar o gênero anúncio publicitário. A esse fenômeno, Távora (2003, 2005, *apud* TÁVORA, 2008) nomeia de intertextualidade intersuportes. Aqui, o suporte cartão postal quebra cognitivamente o esquema de reconhecimento de um anúncio publicitário. “Quebrar cognitivamente o esquema de reconhecimento postal do enunciatário torna-se uma estratégia que permite iniciar uma interação comercial com aquele que deseja se distanciar” (TÁVORA, 2008, p. 72).

Essa questão nos leva a considerar que não só o gênero textual e, ou, discursivo é dinâmico, instável e plástico, mas também o suporte. Entretanto, nos parece que o grau de estabilidade do suporte é, muitas vezes, *superior* ao do gênero. Mesmo assim, como constatado no fenômeno de intertextualidade intersuportes, o suporte também é passível de instabilidades em sua estrutura física e formato.

Diante dessa breve indicação de algumas postulações sobre o suporte na perspectiva sócio-retórica, passaremos, na seção seguinte, a observar o suporte na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional.

5 O suporte na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)

O conceito de suporte na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) foi proposto por Simões (2010) em sua dissertação de mestrado⁹. Partindo do pressuposto teórico de

⁹ “A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura”, defendida em 2010 pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Hasan (1989) – ao afirmar que, por meio das singularidades do contexto, podemos prever as estruturas do texto, seus estágios obrigatórios (aqueles que devem ocorrer), opcionais (aqueles que podem ocorrer) e recursivos (aqueles que podem ocorrer com certa frequência) – Simões (2010) acredita que se todo texto é inscrito em algum gênero e este só se materializa por meio da expressão de algum suporte; pode-se dizer, também, que, através das singularidades do contexto, é possível prever em que estruturas físicas (ou virtuais) os textos serão suportados.

Diante dessa constatação, Simões (2010) postula que o suporte na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional corresponde à organização material da linguagem inscrita no registro¹⁰. Para o autor (2010), o suporte, enquanto organização material da linguagem, é configurado por componentes físicos¹¹, visuais¹² e discursivos¹³ e é constitutivo do gênero.

Dessa forma, segundo o autor (2010), o suporte pode delegar ao gênero a eleição de alguns elementos gráficos particulares (elementos que *devem* ocorrer e elementos que *podem* ocorrer), que colaborariam no reconhecimento cultural do suporte enquanto um determinado tipo de suporte.

¹⁰ Registro pode ser definido como “uma distinta variedade de linguagem definida pelo uso” (HALLIDAY et al., 1964, p. 87, *apud* HASAN, 2005: 57), que pode ser reconhecida por meio de regularidades nos tipos de usos da linguagem. O registro é analisado em suas variáveis de campo, relação e modo.

¹¹ “O componente físico materializa então o gênero no mundo. Ele é estruturado por uma matéria orgânica – como celulose, areia, alumínio, cobre, etc. – e uma matéria-prima – como plástico, madeira, papel, tecido, metal, vidro, etc.” (SIMÕES, 2010, p. 24).

¹² “O componente visual do suporte, o design, organiza a sensorialidade do texto. Essa sensorialidade é organizada pelos seguintes elementos: textura, forma, módulo, estrutura e movimento” (SIMÕES, 2010, p. 24).

¹³ “O componente discursivo do suporte organiza os elementos linguísticos e genéricos necessários à conceituação do suporte enquanto tal” (SIMÕES, 2010, p. 27).

[O]s *elementos gráficos* agregariam ao gênero um certo número de características que podem (ou não) influir na realização dos estágios do gênero em questão. Isso não implica dizer que o gênero configurado como “editorial de revista” ou “editorial de jornal” não seja um editorial, pelo contrário. Este fato nos indica que ambos os textos são editoriais, mas, de acordo com o suporte eleito para sua materialização, os editoriais poderiam adquirir outras características (SIMÕES, 2010, p. 23).

Um livro impresso, por exemplo, para ser um livro impresso *deve* possuir uma série de elementos gráficos: (a) o componente físico *deve* ser o papel como matéria-prima; (b) os componentes discursivos *devem* ser os gêneros fixos ficha catalográfica (com ISBN) e folha de rosto, além dos gêneros introdutórios sinopse e nota biográfica; e (c) os componentes visuais *devem* ser a textura lisa para o miolo e o movimento móvel e flexível (Cf. SIMÕES, 2010).

Na perspectiva Sistêmico-Funcional, segundo Simões (2010), o suporte não muda o gênero, mas o **particulariza** por meio de elementos gráficos que *devem* ocorrer ou que *podem* ocorrer. Na relação gênero-suporte, escolher um determinado suporte pode fazer com que estágios de configuração do gênero surjam ou até mesmo desapareçam¹⁴.

Na postulação de Simões (2010), percebemos que os conceitos de componentes físicos, visuais e discursivos tendem a se aproximar da categoria de suporte *forma* postulada por Távora (2008). Entretanto, por partirem de referências teóricas distintas, tal aproximação não nos parece possível.

Podemos perceber, ainda, que, ao considerar que todo gênero se faz circular por meio de algum suporte, o autor (2010) se pauta em uma proposição teórica de suporte advinda da

¹⁴ No caso dos estágios obrigatórios, eles somente são omitidos, mas são recuperados por inferências.

perspectiva textual proposta por Marcuschi (2003; 2008). Sendo assim, sua proposta, assim como a de Marcuschi, parece se deter somente ao estudo dos suportes impressos. A partir da proposta de Simões (2010), é esboçado, pela primeira vez, uma proposta de configuração de suportes, fato ainda não registrado pelas demais teorias de linguagem aqui resenhadas.

6 Considerações Finais

Nossa pesquisa teve como objetivo investigar as postulações teóricas sobre o suporte no campo das ciências da linguagem. Partindo do pressuposto de que o gênero textual e, ou, discursivo, de alguma forma, é afetado pelo suporte e vice-versa (Cf. MARCUSCHI, 2003, 2008; BEZERRA, 2006, 2007; TÁVORA, 2008), delineamos um breve panorama teórico sobre os estudos do suporte na linguística. Iniciamos a nossa investigação pela perspectiva textual do suporte elaborada por Marcuschi e, em seguida, revisitamos o suporte na perspectiva discursiva da Análise do Discurso de Maingueneau, na perspectiva sócio-retórica de Bonini e Távora (2008) e na perspectiva Sistêmico-Funcional postulada por Simões (2010).

De maneira geral, o campo das ciências da linguagem, apesar das teorizações realizadas até o momento, ainda não tomou o suporte como objeto de pesquisa e análise. Segundo Távora (2008),

[p]arece que o suporte, como entidade situada em determinada cultura, ainda não foi visto como objeto ou instrumento construído, ou em construção, estável ou flexível que é tecnicamente delimitado e manejado por indivíduos, ou seja, não se aferiu a ele o valor de construto humano e social, como se fez com o gênero nos estudos da área de Gêneros (TÁVORA, 2008, p. 45).

A constatação de Távora (2008) se faz clara na medida em que percebemos, de maneira geral, que ao suporte ainda não lhe foi dado um caráter de configuração, assim como se faz com os gêneros do discurso.

Percebemos, ainda, a partir das resenhas realizadas, que no estudo do suporte podemos ter dois comportamentos (Figura 4): um que considera o suporte como condicionante do gênero, como é apontado na perspectiva discursiva e sócio-retórica do suporte; e outro que considera o gênero como condicionante do suporte, como é percebido na perspectiva textual e sistêmico-funcional do suporte. A relação de escolha mútua entre gênero-suporte ou suporte-gênero parece ser possível, mas ainda não foi delineada pelos estudos da linguagem de maneira clara, quando ainda parece prevalecer sempre uma ênfase do gênero em relação ao suporte ou do suporte em relação ao gênero.

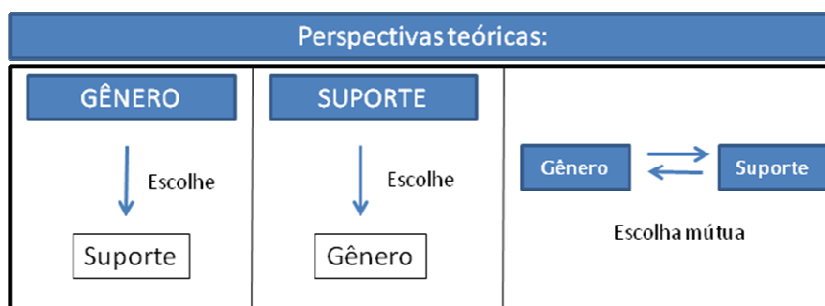


Figura 4 – Perspectivas teóricas para o tratamento do gênero e do suporte.

Diante disso, podemos dizer que Maingueneau, Bonini e Távora (2008) acreditam que o suporte escolhe um gênero ideal para sua materialização. Já Marcuschi e Simões (2010) acreditam que é o gênero que escolhe um suporte específico para sua materialização. Essa sutileza teórica condiciona a relação gênero-suporte ou suporte-gênero, o que evidencia uma

hierarquia/comando do gênero em relação ao suporte ou do suporte em relação ao gênero.

De maneira geral, todos os estudos sobre o suporte aqui delineados recuperam as pesquisas de Marcuschi (2003). O autor (2003) foi um desbravador e, por isso, teve sua pesquisa contestada e, ou, reelaborada, o que não diminui os seus méritos acadêmicos, pois, como afirma Távora (2008), é na medida em que se cotejam posições teóricas diferentes que a análise de um objeto investigado é aprofundada. O mesmo podemos dizer sobre as demais perspectivas teóricas do suporte: por serem as pioneiras de sua posição teórica, é natural que se encontrem incoerências, o que em nada diminui o seu valor acadêmico.

Diante da pouca teorização sobre o assunto, também é natural que não existam tantos estudos empíricos sobre o suporte. De nossa pesquisa, ressaltamos a preocupação empírica dos estudos de Bonini e Simões (2010).

Referências Bibliográficas

BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. Tese de Doutorado. CAC, UFPE, Recife: O autor, 2006.

_____. Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte. In: CAVALCANTI, M. *et al.* **Texto e discurso sob múltiplos olhares, v.1: gêneros e sequências textuais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 8-37.

HASAN, R.. Language and society in a systemic functional perspective. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN C.; WEBSTER, J. J. **Continuing Discourse on Language**. London: Equinox Publishing LTD, 2005. p. 55-78.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A.. **A questão do suporte nos gêneros textuais**. (Versão provisória 18/05/2003). Disponível em: <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc>. Acesso em: 10 Dez. 2009.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 173-186.

SIMÕES, A. C. **A configuração de gêneros multimodais:** um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura. Dissertação de Mestrado, DLA – UFV: 2010.

TÁVORA, A. D. F. **Construção de um conceito de suporte:** a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais. Tese de doutorado. Fortaleza: UFC, 2008.

ABSTRACT: Theorists of language studies (cf. MARCUSCHI, 2003, 2008; BEZERRA, 2006, 2007; TÁVORA, 2008) have indicated that, somehow, the genre is affected by the support and vice versa. Given this research question, we propose to review some concepts about the support in different linguistic perspectives: (a) the study of *the* support in the textual perspective, as postulated by Marcuschi, (b) the study of the support in the *socio-rhetorical* perspective, as postulated by Bonini and Távora, (c) the study of the support in the perspective of *discourse analysis*, as postulated by Maingueneau, and the study support the perspective of *Systemic Functional Linguistics*, as proposed by Simões. Finally, we conclude that the theoretical category of support still lacks linguistic studies, particularly those categorized as applied ones. Concerning the support, despite recent theories held, it was not yet given a character of configuration, as it is done with the discourse genres.

KEY WORDS: Support; Theory; Linguistics; Propositions; Debates.

Data de recebimento: 11/05/2011

Data de aprovação: 14/06/2011